



Luiza Fernandes Condé Lopes¹
Sérgio Luiz Milagre Júnior²

A CORRUPÇÃO COMO SEQUELA DO EGOÍSMO HUMANO

Revelada ao público pela primeira vez em 1705, ainda sob o título de A Colmeia Ranzinza ou de Canalhas a Honestos, essa obra não teve inicialmente maiores repercussões. Escrita por Bernard Mandeville, filósofo, economista e satírico, nascido na Holanda, mas que viveu a maior parte da sua vida na Inglaterra. Mandeville é um autor de extensa bibliografia, em 1670 ingressou na Universidade de Leyden muito jovem, aos 15 anos, formando-se em medicina em 1694, quando tinha apenas 21 anos. Sua filosofia gerou muita polêmica no seu tempo, e sempre foi rotulada como falsa, cínica e degradante, e também o fato de ser médico parece ter interferido em seus pensamentos naturalísticos.

É imprescindível falar dessa obra ao se tratar de política, ética e economia. Ocorre nela um importante destaque dado por Mandeville sobre o papel do egoísmo na ação humana, ele utiliza-se da sátira e da analogia para mostrar as profundas transformações que se passam na sociedade inglesa na virada do século XVII, por isso recebeu duras críticas de pensadores como Adam Smith.

A fábula mostra como era uma colmeia que vivia em harmonia, porém com vícios, fraudes e muita corrupção. Por sua vez, um grupo moralista pedia o fim de tais comportamentos, mas quando tiveram seu pedido atendido e o modo de vida mudou drasticamente, as coisas começaram a desandar. Ninguém mais cometia crimes, pagavam as contas em dia, não havia mais insegurança então não era necessário haver policiais, advogados e não havia mais bares, pois ninguém mais bebia. Foi necessária a demissão de muitos funcionários públicos, já que agora todos trabalhavam não existiriam tantas vagas de emprego. Fábricas fecharam, pois o comércio também diminuiu. Ou seja, apesar de todos serem virtuosos e viverem na sociedade que sempre sonharam, não demorou muito para que o desemprego aparecesse e a economia se tornasse inerte.

Destarte, o autor quer transmitir que o bem comum no qual todos buscam não é um mero produto da bondade das pessoas, mas sim de seus vícios como a ganância, a luxúria

¹ - Graduanda do 3º período da Faculdade de Direito de Conselheiro Lafaiete. Texto realizado durante as discussões do Grupo de Estudos sobre História, Literatura e Direitos Humanos da FDCL.

² - Orientador. Professor de Direito Internacional de Conselheiro Lafaiete (FDCL). Doutorando em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Mestre em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Especialista em Direito Penal pelo Damásio Educacional e em Direito Público Global pela Universidade Castilla La-Mancha (Toledo).

e a inveja. A ideia de Mandeville era atacar o padrão imposto daquela época em que todos os homens possuíam virtudes.

É importante falar dessa obra não somente no Brasil, mas no mundo, pois a corrupção apesar de sempre existir, vem se intensificando cada vez mais, tornando-se parte do dia a dia de todos, desde julgamentos de milhões de reais acompanhados pela televisão e/ou internet até aos atos do cotidiano como sonegação de impostos, compra de CNH, pirataria e o famoso “gato”. Mandeville quer afirmar assim que se dependermos da bondade de cada um para que a sociedade prospere, não vai funcionar.

A corrupção, também chamada pelo autor de vício, pode ser considerada de fato como a privatização de bens, coisas públicas. Contudo, é sabido, sobretudo para aqueles da área jurídica que para consumir-se a prática corrupta o simples ato de solicitar ou oferecer já se configuram o referido crime, fazendo assim com que o posterior recebimento ou pagamento se torne um mero exaurimento. Apesar da fácil percepção de atos corruptos, principalmente como citado anteriormente tão presentes na atualidade, chegar-se à definição completa de corrupção ainda não foi possível.

Existem, porém duas teorias antagônicas conhecidas por “Teoria da Graxa Sobre Rodas” e “Teoria da Areia Sobre Rodas”, a primeira com defensores que se deve haver a corrupção em sistemas de governo, pois dessa forma há o crescimento econômico, a corrupção seria a graxa que faz as engrenagens funcionarem, e a segunda com a ideia de que atos corruptos geram mais atos corruptos, como uma bola de neve. Ademais, existe uma terceira teoria conhecida como Estado Vampiro, onde o Estado apesar de sua aparência de legalidade e democracia, seus governantes querem apenas sugar os benefícios públicos em proveito próprio.

Todavia é indubitável que, principalmente no Brasil, tem-se o inverso do que Mandeville tem como opinião, é notório que há os setores privados que são privilegiados e que os vícios, na sua maioria, são públicos e que possivelmente se houver o fim dos pequenos vícios se conseguirá, concomitantemente, uma diminuição dos maiores, como o proposto na conhecida Teoria das Janelas Quebradas – a punição de pequenos atos impede maiores.